



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**JOSÉ ROGÉRIO VIDAL**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-728

**Entrevistado:** José Rogério Vidal

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Unilasalle – Canoas.

**Entrevistadoras:** Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 27/07/2016

**Transcrição:** Natália Bender

**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 11 minutos

**Páginas Digitadas:** 23 página

### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação; Competições de handebol; Competições de handebol escolar; História do handebol no Rio Grande do Sul; Período de maior visibilidade; A disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança; Participação em aula; A importância do handebol no currículo universitário; Perfil dos alunos; Envolvimento com a prática do handebol; Handebol nas escolas.

Canoas, 27 de julho de 2016. Entrevista com José Rogério Vidal a cargo das pesquisadoras Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Então eu gostaria que tu iniciasse me contando um pouquinho da tua formação e como que tu iniciou no esporte.

J.V. – Bom, hoje de manhã na minha aula aqui na graduação eu estava comentando isso... A disciplina é Metodologia do Ensino dos Esportes e eu estava falando sobre a questão de ensinar o esporte, eu questionei os alunos sobre... Na opinião deles o que era necessário, e um deles apontou que além de conhecimento, sobre conteúdo, sobre esporte, um deles falou da vivência do esporte e aí eu aproveitei e fiz uma fala nesse sentido. Falei da minha relação com o handebol, por exemplo, ela iniciou, como eu digo, mais precisamente em 1972. Eu estava na quinta série no Ensino Fundamental ainda no La Salle<sup>1</sup> de Esteio, aí o professor José Zart<sup>2</sup> na aula de Educação Física disse: “esse é o handebol”. E como eu disse para os meus alunos e como eu digo sempre, foi amor à primeira vista. A partir daí! Depois fiz o Ensino Médio aqui no La Salle<sup>3</sup> de Canoas, só fiquei no colégio, ganhando uma bolsa até para poder jogar, daí eu continuei jogando. Fui fazer Educação Física devido ao handebol porque os meus amigos... Eu jogava no Colégio São João, no clube São João Estadual e a maioria estudava no IPA<sup>4</sup>, daí eu fui fazer IPA por causa disso, porque o pessoal estava lá. Durante três anos pertencia como aos atletas do IPA e ali nós formamos a Seleção Gaúcha de Handebol Universitária. Eu joguei dois ou três Jogos Universitários Brasileiros, os JUGE<sup>5</sup>... Eu era do Diretório Acadêmico do IPA, a gente também organizava os JUGE; nós organizamos dois e a UFRGS<sup>6</sup> organizou um. A gente jogou um na UFRGS isso em 1982 e, então, a minha formação começa na escola. Como basicamente o esporte começa na escola, na época que a escola trabalhava – vou falar alto para ficar gravado isso - na época que se trabalhava *bem* o esporte na escola. Hoje em dia eu provoço meus alunos e contesto muito e tenho muita preocupação, e em uma conversa

---

<sup>1</sup> Escola La Salle.

<sup>2</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>3</sup> Colégio La Salle.

<sup>4</sup> Instituto Porto Alegre.

<sup>5</sup> Jogos Universitários Gaúchos da Educação Física.

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

com colegas assim, eu me preocupo muito com o futuro do esporte. Porque eu vejo hoje, falta uma coisa, isso que eu acabei de falar: falta a vivência e a vivência tem que começar na escola, essa paixão tem que começar na escola e, infelizmente, nós temos alguns colegas que às vezes não conseguem transmitir ou não querem transmitir essa paixão. Isso me preocupa muito. Mas a minha relação com esporte começou na escola, continuou durante a graduação, e a partir do... Já ainda, durante a graduação, ainda antes de terminar a formação inicial, fiz vários cursos de técnica de arbitragem. O meu primeiro curso de arbitragem, por exemplo, eu fiz em 1982, foi oferecido gratuitamente pela Prefeitura de Porto Alegre, foi lá no Parque Marinha do Brasil. A partir daí, continuei, depois passei a ser árbitro da Federação Gaúcha, depois passei a árbitro nacional em 1990 e depois em 1997 virei árbitro internacional... Trabalhei em Mundial, Pan-Americano, Sul-Americano, representando o Brasil na arbitragem. Fui técnico de handebol também, técnico lá na UFRGS, na ESEFID<sup>7</sup> da equipe da UFRGS, fui técnico aqui da equipe de Canoas, do JIRGS<sup>8</sup>. Fui técnico em escola durante *muitos* anos, eu trabalhei quase vinte anos em escola... Eu também trabalhei com handebol na escola, então, a minha relação com handebol ela sempre foi muito próxima assim. E fiz vários cursos para técnico, de treinamento físico, tático, técnico, e também cursos de arbitragem para... Mas chegou um ponto que eu tive que optar, porque eu tenho assim uma opinião, um pensamento que, se tu quer fazer uma coisa bem feito, tu tem que optar por alguma coisa, investir, te qualificar naquilo. E entre jogar, treinar e apitar, tem gente que tenta fazer os três juntos, eu acho muito difícil. Tu pode até fazer os três, o problema é fazer bem os três. Eu optei em procurar fazer bem um, então, eu escolhi continuar como árbitro. Até porque eu nunca fui um... Joguei razoavelmente bem, mas nunca fui um grande atleta, eu não ia ser profissional, e como técnico o esporte tem algumas coisas... Até hoje eu estava provocando os meus alunos nesse sentido também, que o esporte ele pode ser muito, muitas coisas, ele pode oferecer, abrir muitas portas, ele pode ajudar muitas pessoas, *se* for bem trabalho e dependendo de *quem* trabalha, da cabeça de quem trabalha. Então o esporte, assim, como ele pode ajudar muito, têm situações que ele pode de repente não auxiliar “né” e situações que pode ao contrário. Eu conheço vários exemplos que eu coloco nas minhas aulas dessas situações assim, em relação à especialização precoce, em relação a “Burnout<sup>9</sup>” que muito

---

<sup>7</sup> Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

<sup>8</sup> Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul.

<sup>9</sup> Síndrome de Burnout.

atleta abandonando em função de excesso de cobrança física, mental, psicológica dos técnicos ou pais. Eu tenho uma opinião sobre o esporte assim, muito pessoal, no sentido de que ele tem o esporte como um fenômeno e ele pode ser uma grande ferramenta para muitas coisas. E na minha opinião, muitas coisas vem antes de profissionalizar, de formar um atleta olímpico, tem coisas mais importantes. Mesmo o atleta olímpico, o atleta profissional ele tem que ser um cidadão, ele tem que ser uma pessoa, ele tem que respeitar, saber ser educado e isso o esporte tem que fazer antes de chegar lá. E infelizmente tem alguns momentos que a gente pula isso, vai direto lá no topo lá, e aí fica algumas sequelas, algumas lacunas que nem sempre a gente pode resgatar, mas é uma opinião bem pessoal em relação ao esporte. Mas eu acredito que a formação e, como eu digo sempre, eu tenho quarenta e dois anos de relação próxima, direta com o handebol; cada vez eu tenho mais certeza que eu tenho muito que aprender ainda, então, é um processo contínuo.

J.K. – Na época que tu ministrava aula nas escolas havia competições de handebol?

J.V. – Sim, mais do que hoje até.

J.K. – Sim.

J.V. – Nós, sempre... E aliás, ao terminar a ESEF<sup>10</sup>, é que o IPA não era ESEF, naquela época, tudo era ESEF, mas ESEF mais era da UFRGS, mas a gente chamava de ESEF. Mas quando eu terminei a graduação, esse era o meu objetivo primeiro, era formar a minha equipe de handebol e eu consegui isso na escola do estado Caetano Gonçalves da Silva<sup>11</sup> em Esteio, onde eu entrei em um contrato de emergência e pude formar a minha primeira equipe. Eu tenho até hoje, eu tenho alunos e sempre fui assim, é o meu estilo... Continuando o que eu não terminei de falar antes, é por isso que eu resolvi ser árbitro e não técnico. Jogar eu disse que eu não era um fenômeno, então, não ia continuar jogando. Como técnico, tinha coisas que dentro do esporte eu não era muito favorável, aquela coisa de ter que estar espremendo o atleta independente de dor, de sacrifício... Tem coisas que eu sou reticente. Então eu disse: vou ser árbitro daí eu posso contribuir para o esporte mas de uma forma diferente, sem ferir os meus princípios, sem violentar os meus princípios. E na

---

<sup>10</sup> Escola Superior de Educação Física.

<sup>11</sup> Escola Estadual de Ensino Médio Caetano Gonçalves da Silva

escola eu pude formar assim, tinha bastante competição, tinha jogos escolares, tinha uma coisa que hoje em dia está caro... Tem muita coisa em função de gestão, às vezes é opção do gestor, mas muitas vezes também é uma política de contenção financeira. Às vezes tu não tem muito dinheiro para investir, então, tu é obrigado a reduzir o número de competições ou até mesmo a possibilidade de inscrição porque eu me lembro que a minha escola era em Esteio e a gente participada dos Jogos de Canoas, por exemplo. Os jogos escolares de Canoas, até porque Esteio não tinha nessa época. Então a gente vinha jogar em Canoas e eu me lembro que, por exemplo, na minha primeira equipe lá do Caetano, os alunos iam com a camiseta do IPA porque eu estava ainda...Eu comecei a trabalhar no Caetano em 1983, eu me graduei em 20 de dezembro de 1984, a vigésima turma do IPA. Eu ia com a camiseta do IPA, aí estava escrito “ESEF IPA” e tinha o Discóbolo ali. Aí os alunos perguntavam: “O que é IPA?” E eu disse: “Instituto Porto Alegre”. Aí a gente veio jogar aqui no Centro Olímpico Municipal da Igara, o COM<sup>12</sup> e na primeira competição que a gente veio fora e nós ganhamos; ganhamos do La Salle que era o bicho papão na época e aí os meus alunos escreveram a giz no cimento na quadra lá, na arquibancada: “O campeão aqui foi o ICA”. Eu não entendi aquilo e perguntei: “Por que vocês escreveram ICA?” Disseram: “Ué, IPA não era Instituto Porto Alegre; ICA era o Instituto Caetano”. Daí eles fizeram essa associação, mas foi bem legal. E até hoje, tem uns que me chamam, eu sempre fui muito paizão, eu chamo de filhos até hoje, a maioria tem filhos. Esses tempo encontrei um no trem vindo de Esteio, que eu moro em Esteio; encontrei um no trem, eu estava esperando o trem chegar aqui na estação Canoas, daí do fundo do vagão veio vindo um homem com uma criança na mão assim, de acordo com que ele ia se aproximando assim eu disse: “Bah essa fisionomia não me é estranha” mas sem muita certeza assim. Aí ele parou na minha frente, virou para o piá<sup>13</sup> e disse: “Filho, esse aqui foi o professor do pai, foi esse aqui que ensinou o pai a jogar handebol, o pai é o que é hoje graças a ele”. Foi legal aquilo sabe, então, o esporte tem isso. Por isso que eu digo, tem muita coisa que para mim tem que estar na frente de outras coisas. Por exemplo: eu tive atleta meu que começou aqui no La Salle no handebol e chegou a dois Jogos Olímpicos, o Carlos Ertel<sup>14</sup>, o Menta, que agora está em São Paulo; ele é aqui de Canoas, ele jogou Olimpíada. A Bárbara, a

---

<sup>12</sup> Centro Olímpico Municipal de Canoas.

<sup>13</sup> Menino. Popularmente falado no estado do Rio Grande do Sul.

<sup>14</sup> Carlos Luciano Ertel.

Bárbara Schultz<sup>15</sup> começou jogando aqui na quinta série aqui, começou o handebol aqui, ela não sabia pegar numa bola, aprendeu comigo, ela jogou o mundial estudantil na Rússia. Eu tenho uma camiseta que ela me trouxe até hoje, jogou na ULBRA<sup>16</sup>, jogou em vários lugares. Ela fez toda a faculdade dela na ULBRA graças a bolsas de Fisioterapia pelo handebol. Então, eu tenho esses dois que eu sempre conto assim como teve o Maicon<sup>17</sup> que chegou na seleção. Foi assim: ele estava entre os possíveis convocados para a seleção brasileira também goleiro. Eu tive vários que passaram na minha mão, mas dá para contar nos dedos. Mas eu sempre digo para os meus alunos: a gente não tem que se preocupar com os bons, a gente tem que se preocupar com todos e para mim o maior legado que eu tenho não é o Menta que foi para os Jogos Olímpicos, não é a Bárbara que foi para campeonato mundial... É o que acontece às terças-feiras! Se tu for as terças-feiras aqui na Igara, ontem estavam lá, minhas ex-alunas do tempo de colégio, hoje mães de filhos, levam os filhos inclusive muitas vezes junto, elas se reúnem uma vez por semana para jogar handebol porque gostam. Aos trinta e poucos anos, quarenta anos, isso é o maior legado. Isso para mim é o que representa o que eu fiz de melhor foi isso, é fazer elas gostarem do esporte e permanecer fazendo uma atividade. Se tu quiser entrar no “site” tu pode entrar, é Confraria do Handebol de Canoas. Elas tiram foto, assim, fazem porque gostam. Para mim, eu acho que é o máximo que eu pude fazer no handebol foi isso; é fazer com que os meus alunos gostassem de praticar o esporte... Então tinha muito competição: tinha os jogos da Unisinos<sup>18</sup>, nós fomos campeões um ano aqui com La Salle também, aqui com o La Salle nós fomos campeões estadual estudantil na época que o JERGS<sup>19</sup> jogava junto escola particular, estadual e pública. Nós fomos campeões estadual juvenil, nós fomos vice-campeão estadual mirim, como atleta eu fui campeão de JUGEFE, de JUGs<sup>20</sup>, no... Só no JUBs<sup>21</sup> não, nós tiramos terceiro lugar, a gente perdeu a semi-final para São Paulo, e depois perdemos para o Rio de Janeiro a decisão de terceiro e quarto. Mas hoje em dia eu vejo assim, até porque eu trabalho, trabalhei com gestão no estado, na FUNDERGS<sup>22</sup>, eu

---

<sup>15</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>16</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>17</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>18</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>19</sup> Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

<sup>20</sup> Jogos Universitários Gaúchos.

<sup>21</sup> Jogos Universitários Brasileiros.

<sup>22</sup> Fundação de Esporte e Lazer do Rio Grande do Sul.



vejo que existe um pouco, infelizmente, é uma questão cultural, mas tem que ser combatida na nossa área, que...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]<sup>23</sup>

Existe, infelizmente, uma predominância no nosso país, que é o país do futebol e isso por questões políticas, por questões até eu acredito de preguiça... E eu trabalhei muito tempo na FUNDERGS como coordenador de capacitação e cursos. O meu papel era ir para o interior e trabalhar com os gestores municipais, tentando ajudar a organizar o Sistema Municipal de Esporte e principalmente, tentar abrir assim a percepção deles na importância da diversificação da oferta de prática esportiva para a comunidade porque se tu for no interior e tem cidades aí de dois mil e quinhentos habitantes no estado que praticamente o que é oferecido para a comunidade é o futebol, ponto. Então: deficiente, idoso, criança não existe, só existe o pessoal do futebol, mas é aquilo “né”, é o que dá votos, então tem algumas coisas que infelizmente, falta no nosso país. Hoje de manhã eu fiz uma provocação para os meus alunos. Eu disse para eles: “Vamos fazer um “bookmaker?” - Um real de cada um... Claro que é só um valor simbólico - “Quantas medalhas o Brasil vai ganhar agora nos Jogos Olímpicos? Uma? Estou falando de ouro. Uma, duas? A Austrália ainda vi ontem uma reportagem no “SporTV”, a Austrália em 1996 que foi Atlanta<sup>24</sup> se eu não me engano, ela foi muito mal, e quatro anos depois, os jogos seriam em Sidney<sup>25</sup>; a Austrália fez uma revolução interna de gestão, de planejamento, ela tirou quarto lugar nos Jogos de Sidney. O Brasil, ele que chegar entre os dez, “top team”. Mas um país de duzentos milhões de habitantes, será que isso é o suficiente? O Brasil faz sete anos que descobriu que ia sediar os Jogos Olímpicos, o que é que foi feito de política? Como estão às escolas hoje com o material, com estrutura, os professores são capacitados eventualmente para poder trabalhar esporte? E se a gente julgar pelo que hoje é a realidade da universidade nos cursos de Educação Física no Ensino Superior? Parece que só existe bacharelado e parece que só existe academia. Eu me preocupo muito com o futuro do esporte, não só do handebol, lá conversando com o Jorge<sup>26</sup>, o Capi, a gente chega a essa conclusão. E quando os mais velhos pararem, quem é que vai dar continuidade? Semestre

---

<sup>23</sup> Entrevistado, começou a conversar com a filha.

<sup>24</sup> Jogos Olímpicos de Atlanta.

<sup>25</sup> Jogos Olímpicos de Sidney.

passado eu tive duas turmas de handebol, uma pela manhã e uma pela noite; pela manhã tinha trinta e nove, à noite quarenta e quatro fazendo aula. Oitenta e poucos acadêmicos fazendo handebol. Agora se vocês me perguntarem quantos depois vão trabalhar com handebol, olha, sendo otimista talvez dois. Um eu sei que sim porque ele joga handebol e gosta, o outro já jogou, disse que talvez algum dia trabalhe... E isso se tu for pensar nos outros esportes é a mesma coisa, então, para mim, tudo, voltando a tua pergunta da escola. Tudo depende da escola! Aqui na instituição eu coordeno o PIBID<sup>27</sup> que vocês devem conhecer, Programa de Iniciação à Docência. Para mim é uma das melhores coisas que a CAPES<sup>28</sup> inventou no Ministério da Educação porque isso oferece essa vivência da escola para o acadêmico, isso faz falta... O PIBID ele vem diminuir essa distância entre a tua formação com a realidade, só que os meus bolsistas aqui relatam coisas que eu fico apavorado. Os bolsistas, eles têm que estar lá ao lado do professor, aprendendo, observando, colhendo informações, trocando informações com o professor para construir a sua prática, construir o seu futuro. O professor lá diz: “Fica com os alunos aqui que eu já volto.” E somem e deixam os alunos sozinhos, os bolsistas sozinhos com os alunos, e aí os alunos dizendo: “Vamos procurar o professor.” Duas horas depois ele está na sala de material fazendo palavra cruzada. Eu não sei, às vezes eu acho, eu penso que eu estou ficando velho demais, porque o velho acaba ficando um pouco intransigente, mas tem coisas que eu não admito, porque eu digo para os meus alunos assim, eu cito uma frase de Vinicius de Moraes que eles dizem assim: “Profissão é aquilo que se dá a vida, pelo resto da vida”. E a Educação Física para mim é a minha vida. Eu estou aqui, estava hoje de manhã, só saí, fui em casa almocei, retornei, estou a semana toda, final de semana... Eu vou para a quadra trabalhar com esporte, então, a Educação Física é sempre presente e por isso que eu provoço os meus alunos: “Mas, vem cá, vocês estão aqui para quê?” Falta o que eu digo, é uma metamorfose, ela é demorada, mas eu acredito que às vezes ela podia ser um pouco mais rápida, que é se transformar de aquele que está aprendendo a aprender para aquele que deve aprender a ensinar; às vezes demora essa metamorfose aí, mas o esporte passa pelo mesmo processo, mas vamos ser otimistas, vai melhorar!

---

<sup>26</sup> Jorge Luiz Brandlli Fernandes.

<sup>27</sup> Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

<sup>28</sup> Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

J.K. – Agora pensando um pouco mais historicamente, tu saberia me dizer como que o handebol chegou até as escolas?

J.V. – Olha, eu acredito que foi... Como eu tive com o professor Zago<sup>29</sup>, alguns profissionais que tiveram, porque todo processo de aprendizagem ele passa quase pelo mesmo caminho; não sempre, mas normalmente alguém recebe, faz um curso fora, recebe uma informação e ao retornar vai disseminando e isso vai sendo progressivamente dividido, compartilhado e aí começa... Eu por exemplo, como eu te disse, eu comecei na escola, na quinta série, permaneci praticando e depois busquei a graduação, a Educação Física por gostar do esporte e querer continuar dentro do esporte e pensando em ser um técnico no futuro. Eu acredito que deve ter vindo a partir, se eu não me engano foi Jacinto Targa, é o que conta a história, o professor que trouxe o handebol para o Rio Grande do Sul, se eu não me engano a história do Handebol do Rio Grande do Sul é Jacintho Targa<sup>30</sup>, o nome do professor que trouxe. Mas eu já peguei depois, eu sou um pouco depois, eu não sou dessa época aí.

J.K. – Certo, já que tu já comentou um pouco da história do handebol no Rio Grande do Sul, tu saberia como que ele iniciou aqui no estado?

J.V. – Como iniciou? Eu por exemplo, na época de escola ele já existia com certeza. Eu até por ser jovem, adolescente, como todo jovem adolescente eu me preocupava com a minha prática, eu não me preocupava com o esporte como um todo, isso veio depois na graduação e principalmente depois como profissional. Aí tu começa a te preocupar não só com a prática, mas com o esporte como um todo. E aí e por trabalhar muito tempo com a federação, eu comecei a manter relações com pessoas de outros locais, então, eu posso te dizer que a história do handebol no Rio Grande do Sul ela passa, por exemplo, como eu te falei, no feminino por Sapiranga, com a equipe do professor Caio, O Cláudio Augustin, passa não podemos deixar de falar; por Santa Maria, pelo time da Universidade<sup>31</sup>, que foi muitos anos campeão brasileiro com o professor Luiz Celso Giacomini que foi técnico de seleção brasileira, que hoje é o atual presidente da Federação Gaúcha de Handebol. Passa

---

<sup>29</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>30</sup> Jacintho Francisco Targa.

<sup>31</sup> Universidade Federal de Santa Maria.

por Caxias do Sul, com a escola, Colégio La Salle do Carmo, com o Clube Recreio da Juventude, hoje com a UCS<sup>32</sup>, que é uma equipe de referência do handebol feminino, jogando a Liga Nacional inclusive, e o clube Recreio da Juventude no masculino que até hoje tem equipes. Caxias é um polo também. Então nós temos, Sapiranga já foi, infelizmente não tem mais equipe em Sapiranga, mas já foi, digamos, o principal polo do handebol feminino do Rio Grande do Sul; hoje não tem mais, mas já foi Sapiranga. Santa Maria ainda o pessoal tenta através da equipe do professor Jorge Fernandes lá, o Capi, no masculino, feminino tem as meninas lá que tentam continuar jogando; Caxias também é um polo, a UCS no feminino e o Recreio da Juventude no masculino. Pelotas é um polo, nunca foi talvez o principal polo do nosso estado, mas sempre foi um polo, sempre tiveram equipes lá em Pelotas, Porto Alegre com o Lindóia Tênis Clube com o professor Sílvio Rodrigues que hoje está em Itajaí, foi para São Paulo, o Sílvio foi, é um dos técnicos mais antigos. Hoje nós temos em Porto Alegre trabalhando o Maurício<sup>33</sup> no Colégio Kennedy, está com o “HandAction”, ele é cria como se diz, é filho do Sílvio. O professor Ricardo Gomes que está na ULBRA e que a gente fala, é filho do Sílvio.... O Daniel<sup>34</sup> que trabalhou em Porto Alegre, hoje não tem mais a equipe da escola que era é na rua Duque de Caxias, perto da Assembleia Legislativa. Eu sei que o Daniel ele começou lá... Esses todos são crias do professor Sílvio Rodrigues. O quê mais: Canoas é um polo, aqui nós tínhamos, por exemplo, tem o professor Beto, Antônio Roberto Machado, que hoje é técnico da equipe da Feevale<sup>35</sup>; o Betinho, nós fazíamos *clássicos* aqui. Era Cristo<sup>36</sup> que ele dá aula no Cristo até hoje e La Salle, sempre as finais do CEC, que era o Campeonato Escolar Canoense.... Canoas então através do Beto que continua até hoje;. Eu já tive o meu passado como formador, tempo de escola, mas agora eu não estou mais, estou só na graduação. O professor já falecido infelizmente, mas formou muitos bons atletas, ele era conhecido como Baiano<sup>37</sup>, agora eu não me lembro, eu sei o nome dele, ele já é falecido, mas muitos bons atletas começaram com o professor Baiano; o professor Jacob<sup>38</sup> que hoje não trabalha mais com o handebol, mas que foi um formador e que já teve em Canoas. Novo Hamburgo é um polo, principalmente no feminino com a equipe da Feevale

---

<sup>32</sup> Universidade de Caxias do Sul.

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>34</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>35</sup> Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo.

<sup>36</sup> Colégio ULBRA Cristo Redentor.

<sup>37</sup> Nome sujeito a confirmação.

atualmente, e tinha até pouco atrás com o professor Renato Arena. A equipe, aliás, era da escola onde ele era coordenador de Educação Física e dava aula. Novo Hamburgo foi um polo no handebol do Rio Grande do Sul, no passado, na minha época de graduação, na época de JIRGS que eu joguei JIRGS também por Canoas, Porto Alegre... Eu joguei JIRGS por Novo Hamburgo e também Caxias, São Leopoldo já foi um polo dentro do Rio Grande do Sul, e hoje, São Leopoldo está querendo reerguer no Handebol porque o professor Renato Arena e o seu filho Mateus<sup>39</sup> eles estão trabalhando em uma escola em São Leopoldo, e formaram uma nova equipe e estão jogando inclusive o campeonato estadual. Atualmente Capão da Canoa no feminino e no masculino tem equipes participando do campeonato estadual, então, no litoral tem dois polos basicamente, três polos, vamos dizer. Se a gente pensar no litoral como polo, nós temos Osório com a equipe que é de escola pública, o professor faz um trabalho muito bom lá que é o professor Valdinei<sup>40</sup>; ele tem alguns problemas de comportamento na quadra, esses tempos conversando com ele eu disse: “Valdinei, tu estraga o teu trabalho”, porque ele faz... Tem atletas dele hoje que estão na Seleção Brasileira Juvenil, convocadas, eles são alunos de escola pública estadual, ele faz um trabalho muito bom durante a semana, ele estraga o trabalho dele no final de semana na quadra, ele sai fora da casinha, mas... Então, Osório é um polo muito importante e formando atletas inclusive para a seleção brasileira Capão da Canoa com o professor Régis<sup>41</sup> e o professor Gelson<sup>42</sup> que até é de Santa Maria; o Cherini<sup>43</sup>, ele era o goleiro do professor Celso lá no time de Santa Maria, eles são técnicos da equipe lá do Capão da Canoa, do handebol e tem em Torres também um outro polo, então, no litoral é Osório, Capão da Canoa e Torres, pensando no litoral como um polo de handebol. Então ainda sobrevivem equipes, mas o problema é que em função, como tudo assim, infelizmente o handebol como o esporte amador no Brasil, digo amador tirando o futebol, ele sobrevive como a gente falou antes, de paixão, pelo gosto dos atletas e paixão dos técnicos, insistência e persistência dos técnicos, professores, porque falta auxílio, falta apoio, falta estrutura, falta gestão. Por exemplo, como eu falei, eu já trabalhei na Fundação do Esporte do Rio Grande do Sul, e mau ou bem a gente tentou manter uma política de

---

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>39</sup> Matheus André Arena.

<sup>40</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>41</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>42</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>43</sup> Nome sujeito a confirmação.

esportes lá, e a gente procurou fomentar o esporte e propiciar a prática do esporte. Hoje em dia, por exemplo, o nosso atual governador ele extinguiu a Fundação. Hoje o campeonato escolar, o CERGS<sup>44</sup>, ou o JIRGS eu não sei se vai acontecer; ele acontece da seguinte forma: é contratada uma empresa, é passado o dinheiro, e diz: “Faça!” Não existe uma política por trás, não existe um planejamento e uma gestão pensando no futuro do esporte, por quê? Porque quem está trabalhando na gestão não é do esporte, infelizmente. Então o que eu vejo que falta é isso, é pessoas que vivenciaram e que tenham formação e tenham, buscam um... O crescimento e o desenvolvimento do esporte, até como eu disse, porque o esporte com certeza é um fator de desenvolvimento humano. Então se a gente investir no esporte a gente sabe todas as consequências positivas que pode ter, mas depende de quem vai trabalhar.

J.K. – Certo! Saberíamos dizer quando foi o período de maior visibilidade do handebol no estado?

J.V. – No estado? Infelizmente o ano passado era para nós termos sediado o mundial aqui, era para acontecer o Mundial de Seleções Junior Masculino, inclusive, eu era o representante do governo do estado no Comitê Organizador Local. Nós tínhamos: eu representando o governo do estado, o professor Celso Giacomini representando a Confederação Brasileira de Handebol, que o presidente o professor, atual presidente da Confederação Brasileira de Handebol... É meu amigo, depois eu lembro o nome dele, ele credenciou o professor Celso para ser o representante da Confederação aqui no estado, e foi oferecido ao estado a oportunidade de sediar, foi aceito, existia toda uma preocupação em buscar estrutura, local, mas aí, nesse um ano que eu participei junto ao comitê organizador, eu percebi como a gente está atrás nesse processo de gestão e principalmente estrutural. Nós tivemos uma visita do vice-presidente da Federação Internacional de Handebol, eu não lembro o nome dele, mas era um espanhol... Como eu morei na Espanha eu pude conversar com ele direto e veio com ele, o coordenador de eventos da Federação Internacional de Handebol, e eles foram visitar os locais aonde seriam as sedes, eles foram a Santa Maria, visitar lá o Ginásio Municipal, eu não me lembro o nome...

---

<sup>44</sup> Campeonato Estudantil do Rio Grande do Sul.

P.J. – Farrezão.

J.V. – Farrezão, eles foram a Caxias na UCS, que seria na UCS a outra sede, seria Campo Bom, Caxias, Santa Maria... Campo Bom, Caxias, Santa Maria tinha mais uma sede, agora não estou, parece que era Gramado, porque envolvia questão de turismo também. Daí o que é que aconteceu? Uma passagem que eu não esqueço assim, que foi até cômica assim, nós estávamos em Campo Bom, eu não sei se vocês conhecem o ginásio, para mim é um dos melhores do estado lá o CEI<sup>45</sup>, só que ele é todo aberto assim, no inverno é muito frio e no verão é muito quente. E eles vieram em junho, frio, chuvisqueiro, chovendo, mas muito frio, um vento entrando nas aberturas, daqui a pouquinho eles conversam entre si, e quando eles não queriam ser... O europeu faz isso, por exemplo, quando eu estava em Maiorca na Universidade das Ilhas Baleares fazendo doutorado e lá era assim, quando eles não queriam que a gente entendesse, nós estávamos em quatro professores, eles falavam Maiorquino, que é um catalão assim um dialeto do catalão, uma modificação um pouco do catalão, e rápido, daí tu não entendia. Então eles fizeram a mesma coisa, eles conversaram entre eles assim, e a gente não entendia nada, aí daqui a pouquinho eles vêm: “Onde fica a calefação?” Eu saí de perto para não rir, porque eles perguntaram para o professor Celso, onde é que fica a calefação do ginásio porque eles estavam sentindo frio, e eles olharam assim. Não existe, aqui no Rio Grande do Sul não existe nada com calefação, aliás, não existe um ginásio, por exemplo...

P.J. – Não existe ginásio com calefação...

J.V. – Isso, não existe ginásio com calefação, se vocês querem um dado que eu descobri depois que eu entrei na FUNDERGS, por incrível que pareça, Porto Alegre, a capital gaúcha não tem uma quadra de quarenta por vinte, que é a quadra oficial, do tamanho oficial do handebol. Porto Alegre não tem. Ginásio com cadeiras e assento, é minoria e mesmo assim não é em todo ginásio que tem. Então, nós não estamos preparados infelizmente para receber grandes eventos assim, porque sempre no Brasil a mentalidade foi tipo: “é esporte, faz de qualquer jeito”. Outra coisa que acontece muito em escolas, nas escolas municipais é que o Prefeito chama o engenheiro ou o Secretário de Educação

---

<sup>45</sup> Centro de Educação Integrada.

chama o engenheiro e diz: “Tem que fazer uma quadra naquela escola.” Aí o engenheiro pega e: “Tem um espaço aqui.” E ele faz do jeito que dá, do jeito que ele pensa que tem que ser, não chama os profissionais do esporte e da Educação Física para consultar e ter uma orientação, então, infelizmente todo mundo se mete na nossa área assim, todo mundo acha que sabe esporte, que sabe regras, que sabe apitar, mas muito e isso eu digo, muito talvez por culpa nossa, da nossa área, porque a gente não ocupa o espaço; a gente não tem um discurso de qualidade, a gente não demonstra conhecimento e não externa conhecimento para os outros, opa, é mais do que, é mais do que eu pensava, mas faz parte.

J.K. – Então eu queria saber se tu saberia me dizer se o handebol ele é mais praticado em clubes ou escolas?

J.V. – Existe um dado da Confederação Brasileira de Handebol, que o handebol, no Brasil é o segundo esporte mais praticado nas escolas. Se a gente pensar no número de escolas que existem, eu acredito, isso não é um dado empírico, não tem pesquisa aí, assim, “achômetro”. Eu acredito que mais em escolas, porque como eu disse, não são muitos clubes que tem o handebol como um dos esportes, eu posso, aqui no Rio Grande do Sul eu vou te citar os que eu conheço. Em Porto Alegre, o Handaction, o Colégio Farroupilha já teve equipe de handebol e não tem mais, a direção cortou os gastos, o Colégio São João teve muitos anos com o professor Pedro Paulo Guimarães, não tem mais até porque o Pedro não está lá. O problema é esse, é que precisa de alguém, apaixonado, alguém que goste, para enfrentar as dificuldades, para correr atrás de apoio, de patrocínio, de dinheiro, e tem gente que não tem essa disposição, e não tem nem experiência e conhecimento para fazer isso. Então eu acredito que seja mais em escolas, mas mesmo assim, infelizmente, é em um número reduzido de escolas, já foi mais, já foi maior, porque como eu disse, está faltando uma renovação nos profissionais para trabalhar com esse esporte. E eu penso também que, eu perdi a linha de raciocínio... Eu penso também que existe um, infelizmente, uma falta até de percepção, de “feeling” como eu digo, de alguns professores, porque se a gente pensar, o handebol como o atletismo, são esportes que envolvem movimentos naturais, o correr, o saltar e o arremessar, fácil de aprender e de ensinar, não precisa muito material, e hoje em dia nas escolas, muitas vezes a opção do professor é pelo, teoricamente, aquilo que, a segurança dele ou a preferência dos alunos, e por isso que infelizmente muitas vezes se reduz a prática ao futebol, ou pior, porque o futebol não é



todo ruim, depende como ele é trabalhado. No meu ver, na minha visão o pior é o famoso “largobol” porque daí acaba não tendo aula, que é tipo assim, é hora livre. “O que é que os alunos estão fazendo? – Agora é a hora livre deles”. O problema é que de cada cem aulas, noventa e nove são livres, é mais fácil, é mais cômodo, não precisa planejar, não precisa se preocupar, mas isso infelizmente faz com que a nossa área perca respeito, perca espaço. Faz parte.

J.K. – Sim. Agora em relação à disciplina de Handebol, saberia me dizer o ano que ela iniciou na ESEFID?

J.V. – Barbaridade. Quando eu entrei na graduação, eu entrei em 1981/1, e já tinha uns cinco anos na época. 1981/1 já tinha com certeza. Tu diz a ESEF da UFRGS?

J.K. – Sim.

J.V. – Puxa. Eu não tenho esse dado, não sei te dizer, mas como eu te disse, eu entrei no IPA na graduação em 1981 e já tinha, com certeza na UFRGS já tinha handebol.

J.K. – Certo.

J.V. – Deve ter sido na década de 70.

J.K. – E porque essa disciplina de handebol, foi incluída na grade curricular universitária?

J.V. – Na década de 1970, principalmente, dentro da história da Educação Física a gente estuda é que o esporte, a esportivização foi muito forte, então as grades curriculares de IPA e de UFRGS naquele período, 1970, 1980 basicamente era em cima da prática desportiva e isso eu relato para os meus alunos, quem ia fazer Educação Física, ia para ESEF quem era atleta, 90% dos estudantes que eram atletas que para continuar praticando esporte faziam Educação Física, é um fenômeno inverso hoje em dia, se tu pegar, é 10% talvez que seja atleta que faz Educação Física, 90% não é, inverteu-se. Naquela época tinha vestibular prático, só entrava na ESEF ou no IPA mesmo e na Feevale tinha também, através de uma prova prática, só ia para a prova teórica se tu passasse nas práticas, então, principalmente

por causa disso, porque a exigência era muito forte dentro da execução; depois mudou, os anos 1980 veio alguns paradigmas sendo quebrados e alguns questionamentos e reflexões propostas no sentido do que é que é mais importante, é saber fazer ou saber ensinar? E isso modificou os caminhos da Educação Física, as linhas pedagógicas foram aparecendo.

J.K. – Quando tu ministrou a disciplina de handebol lá na ESEF-UFRGS, quem participava mais dela, eram homens ou mulheres?

J.V. – Olha, para te ser sincero eu não fiz esse levantamento estatístico, mas todos participavam. E eu, pela minha forma de dar aula e trabalhar, eu estou sempre provocando, eu não deixo ninguém parado; aluno meu não fica parado, até porque se ele tiver algum problema que não pode fazer a prática eu dou algum trabalho teórico daí na segunda aula ele vai fazer a prática. Ele não vai querer ficar na teoria porque eu penso assim, tu não precisa ser um atleta para poder trabalhar com handebol, mas eu acredito em cinco verbos fundamentais eu passo para os meus alunos. Para mim para ti poder trabalhar qualquer esporte, mas a gente está falando de handebol, para trabalhar com handebol tu tem que saber conjugar o verbo, orientar, tu tem que saber orientar, tem que saber passar para o aluno a informação, porque o atleta, como é a atividade, como tu quer que faça, da forma adequada, com comando do grupo, com tom de voz adequado; tu tem que saber, além de orientar, tu tem que saber demonstrar, então, tu não precisa ser um atleta, mas tu tem que saber o gesto técnico, tu tem que conhecer o fundamento como ele se executa, se tu vai demonstrar de forma errada o teu aluno, o teu atleta vai dizer que tu está de forma errada, então, demonstrar é importante. Se tu dá uma atividade, propõe uma atividade tu tem que ter, tu tem um objetivo, então, tu tem que observar. Isso é fundamental saber observar para saber se a execução está feita de forma correta, se é assim que tu queria, se é assim o correto, então tu tem que observar para corrigir, faz parte da função do técnico, principal talvez, é a correção do gesto técnico para que no jogo, se o treino é preparação para o jogo; o treino tem que ser feito de forma, a execução técnica no treino tem que ser correta para no jogo a consequência é a execução correta, e planejar, tu tem que saber planejar o treino, dar uma sequência lógica e pedagógica e inteligente para que tu atinja os teus objetivos. Então para mim esses cinco verbos são fundamentais. Eu trabalho dessa forma, mas sempre geral minhas aulas, felizmente, eu acredito que eu tenho sorte, porque meus alunos gostam e trabalham sempre direto, é difícil alguém ficar parado, até porque eu provo:

“Por que está parado?” Então, se a gente está em uma faculdade de Educação Física, em um curso de Educação Física, sedentarismo, inércia não combina; o movimento tem que ser constante, claro, está machucado, está lesionado, eu entendo e respeito, mas às vezes não é tanto assim então precisa de uma provocação até para tu ver até que ponto ele está estou “com um problema na perna”, “Faz caminhando então, não precisa correr”. Daqui a pouquinho está correndo. “E a perna?” “Já passou” “Então tá bom”. Com o passar dos anos tu vai conhecendo um pouco como é que é o pessoal.

J.K. – Sim, e quem teria sido o primeiro professor da disciplina de handebol lá na UFRGS?

J.V. – Não sei se não foi o próprio professor Jacintho Targa, como eu citei “né”, que foi quem trouxe, se eu não estou enganado quem trouxe o handebol para o Rio Grande do Sul, eu sei que o professor... Não me lembro se o Negrine<sup>46</sup> também não trabalhou com o handebol. O Negrine foi o meu paraninfo no IPA, depois foi meu colega aqui, sou muito amigo do Negrine, mas eu me lembro do Jacintho Targa, o Elio Carravetta trabalhou com o handebol lá, eu quase fui orientando dele lá no mestrado, eu sei que o Elio trabalhou com o handebol; o Stigger<sup>47</sup> trabalhou com o handebol, e o Stigger foi presidente da Federação Gaúcha de Handebol, não sei se vocês sabiam, ele foi presidente da Federação Gaúcha de Handebol, na época que eu era árbitro a gente trabalhou juntos, conheço o Stigger desde essa época. Teve muitos colegas que quando eu cheguei na ESEF eu fui reencontrar, o próprio... Que era diretor da ESEF agora até pouco tempo, o... O Vicente<sup>48</sup> eu conheci ele aqui em Canoas, ele era do Departamento de Esporte e Lazer daqui de Canoas quando eu jogava pelo time de Canoas, ele era da Prefeitura de Canoas; o Vicente, depois ele fez o doutorado e foi para a UFRGS, o Molina, o Vicente Molina. O Betão<sup>49</sup> que era presidente do Diretório Acadêmico da UFRGS quando eu era diretor de esportes do Diretório Acadêmico do IPA nos anos 1980, início dos anos 1980; eu conheço o Betão desde essa época. O próprio Pelé<sup>50</sup>, que agora ele está afastado, mas o Pelé foi meu professor de ginástica na graduação, a maioria dos professores eu já conhecia quando eu fui dar aula lá assim, foi legal.

---

<sup>46</sup> Airton Negrine.

<sup>47</sup> Marco Paulo Stigger.

<sup>48</sup> Vicente Molina Neto.

<sup>49</sup> Alberto Reinaldo Reppold Filho.

<sup>50</sup> Jorge Luiz de Souza.

J.K. – E qual é a importância do handebol no currículo universitário?

J.V. – Eu acredito, por esses motivos que eu já te relatei ao longo da nossa conversa, o handebol ele é uma prática fácil de ser ensinada, é um esporte de fácil aprendizagem, por envolver movimentos naturais, o correr, o saltar e o arremessar. E outra coisa, não precisa de... O professor tendo conhecimento, tendo bagagem pedagógica assim, ele trabalha aqui, aqui, se tu me dar esse espaço eu trabalho o handebol contigo. Uma bola de meia, com bola de tênis, utilizando os pilares como obstáculo para treinar finta, então, para mim o que falta muitas vezes é conhecimento do esporte, vivência do esporte. Hoje em dia a gente fala tanto em inovação, criatividade, é planejamento em resumo, às vezes tu muda o nome, ou como o meu ex-professor de atletismo, o Alexandre Davis lá do IPA dizia, a questão, muitas vezes falta é perfume, a gente tem que trocar um pouco, planejar é isso. Se tu pegar o “crossfit” de hoje em dia, é a calistenia dos anos 1960 com outro perfume, com outra roupa, então, muitas vezes falta isso: um pouco de criatividade, para e pensar, mas só que para isso tu tem que conhecer o esporte; tu tem que ter conhecimento e aí tu adapta, cria, inova. Mas o handebol é fácil de ser praticado, é um esporte olímpico e, como eu disse, tu não precisa uma quadra de quarenta por vinte para trabalhar; ele é mais fácil que o voleibol, ele é mais fácil que o basquete, até porque a tabela tem um tamanho específico e a goleira é bem maior para tu acertar a bola; é um esporte coletivo, envolve integração, socialização, envolve precisão, tem a questão da satisfação do gol que é a parte psicológica, de fazer o gol, aquilo é uma adrenalina, dá uma descarga de prazer, então, para mim tem vários porquês do handebol estar dentro do currículo.

J.K. – Na época que tu foi professor na ESEF da UFRGS, como tu enxergava o perfil dos alunos que buscavam fazer a disciplina?

J.V. – Tu sabe que eu fui como uma expectativa bem grande porque como eu falei para vocês, antes eu sempre trabalhei em instituição privada. Eu estava chegando em uma escola pública. Para mim os alunos eram iguais, não eram os mesmos, mas eram os mesmos que eu tinha aqui, que eu tinha na Feevale, então, estudante de Educação Física, que gostavam de esporte, que precisavam, se bem que lá o handebol era optativo. Então claro, tinha alguns que já praticavam, o próprio atual técnico da equipe da UFRGS, o

Caporal<sup>51</sup>, ele foi meu aluno lá. Eu percebi isso assim, que não tem uma diferença da escola pública, da escola privada, é o aluno que gosta de fazer esporte, ou que já tinha praticado, ou muitos até por curiosidade, o relato, alguns até relataram: “Olha, eu nunca vi, mas vim para conhecer.” E dentro disso várias histórias, como eu falei para vocês, aquela de devolver a prova... No final do meu primeiro semestre um aluno ficou para o final da última aula, ele veio conversar, eu disse: “Não entreguei a tua prova, faltou alguma coisa, o que que houve?” Ele disse: “Não professor, eu esperei até o fim para lhe agradecer”. Eu disse: “Como assim agradecer?” Ele disse: “Não, porque eu estou aqui.” Não me lembro se dois anos, sei lá quantos semestres ele falou: “É a primeira vez que um professor titular dá todas as aulas”. Eu achei isso diferente porque, claro, dentro da instituição pública e a universidade pública os professores saem para fazer doutorado, pós-doc, vão dar palestras, vão participar de eventos, então, muitas vezes é o monitor que acaba assumindo a disciplina. Eu, até pelo meu costume, formação dentro da iniciativa privada que tu falta em último caso, então sempre trabalhei, mesmo com monitor, trabalhando junto, oferecendo espaço para ele interagir e tudo, mas eu estava sempre na aula. Eu achei estranho que ele disse: “Não, queria te agradecer porque o senhor veio em todas as aulas”. A gente está aí para isso, faz parte, mas o perfil para mim sem nenhuma diferenciação em relação aos alunos da instituição privada, só alunos que gostam de esporte ou que já tinham praticado e por gostar do handebol.

J.K. – E ela sempre foi uma disciplina optativa?

J. V. – Vou te dizer assim: eu conheci a ESEFID pelos amigos que eu tinha lá dentro professores, por jogar lá dentro JUGEFS na época de estudante, por eventualmente ir fazer pesquisas lá dentro e até, eu quase fui aluno do mestrado do professor Elio Carravetta, mas não conhecia toda a lógica da instituição; fui conhecer a partir do momento que eu entrei lá como docente, aí sim, aí que eu me aproximei, conheci a rotina e tudo, mas anteriormente eu não tinha esse conhecimento.

J.K. – Sim, e os alunos que buscavam fazer, eles estavam mais no início ou final do curso?

---

<sup>51</sup> Guilherme Cortoni Caporal.

J.V. – Boa pergunta. Mas eu nunca busquei esse dado, mas sem ter certeza, tentando buscar pela memória, se eu não me engano, eram alunos tanto de início, como de meio e de fim, mas a maioria, pelo que eu me lembro, era entre metade, metade e fim de curso. Era um pessoal mais maduro, tinham poucos novos, o pessoal que tu percebia pela cabeça a maturidade até, e muitas vezes é porque vai deixando para o final... Tem que fazer, tem que optar e acaba escolhendo um ou outro dos esportes.

J.K. – E eram alunos mais do Bacharelado ou da Licenciatura?

J.V. – Se não me falhe a memória, a maioria era da Licenciatura. Naquela época era Licenciatura, porque a gente tinha, por exemplo... Eu assumi as três, porque na realidade Handebol I que seria Handebol Fundamentos, se eu não me engano; depois Prática de Ensino, e a três era Handebol de Competição ou de Alto Rendimento, alguma coisa assim. Essa terceira nunca saiu, saiu só a primeira que é a de Fundamentos, e saía também, era um semestre uma, outro semestre a outra de prática e tinha uma escola ali perto que a gente fez uma parceria, os alunos trabalhavam lá, e estava sempre junto... Aliás, não eram os alunos lá, a gente trazia as crianças lá para a ESEFID para eles trabalharem com as crianças e foi sempre muito produtivo. Mas pelo que eu me lembre, a maioria era Licenciatura, por essa relação com a escola. Se bem que naquela época não se discutia tanto essa questão: bacharel não pode ir para a escola, a gente se preocupava mais era com a prática propriamente dita.

J.K. – E como era o envolvimento dos universitários com a prática do handebol?

J.V. – Como eu te falei antes, até pelo meu perfil, pela minha forma de trabalhar, a gente praticava direto assim, eventualmente alguém machucado com algum problema, mas posso te dizer que 99% dos alunos participavam das aulas direto assim, práticas. Eu sempre procurei fazer mais práticas do que teóricas, mas sempre expliquei que a teoria faz parte da consolidação de uma prática, e essa sustentação da prática vem através do conhecimento teórico, fundamentação teórica, científica. Então eu trabalhava com eles a parte metodológica, a parte de fundamentos, de conhecer o fundamento, o conceito de fundamento, a parte de método parcial ou método global de como trabalhar o esporte, as

regras, o conhecimento básico de regras, tem que ter, então eu fazia uma fundamentação teórica e depois a gente ia para a prática e fazia avaliação no final do semestre.

J.K. – E tu acredita que a modalidade de handebol no currículo universitário tem aumentado a prática desse esporte nas escolas?

J.V. – Para mim, infelizmente a visão que eu tenho é que não existe uma relação direta, porque como eu te disse, dentro da escola, essa é outra provocação que eu faço com os meus alunos na graduação assim. Dentro da escola, infelizmente, *não todas*, a gente não pode generalizar, mas em mais número do que eu gostaria, o professor muitas vezes ele opta pelo que é mais cômodo, pelo que é mais fácil, dá menos trabalho, e não exige tanto. Então, o handebol exige um conhecimento. Aquela coisa: o futebol, a criança nasce e o pai já comprou uma bola, uma chuteira, não importa se é guri ou guria e a “TV”; tu liga um canal e está falando de futebol, pelo menos uma vez por dia todos os canais falam de futebol. Os outros esportes, vôlei, basquete, handebol, não tem isso. Tu precisa aprender na escola e se esse professor na escola não teve, porque isso é outra coisa que eu aprendi e acredito... A professora Jamile não começou na ESEFID; a professora Jamile começou na aula de Educação Física da Jamile lá em educação básica, a partir das tuas vivências dentro da Educação Física, e se a gente quiser regredir mais, a gente pode dizer que a professora Jamile vai colocar em prática a vivência corporal com todo o leque ou o repertório motor, que ela começou a desenvolver quando começou a engatinhar. Eu acredito que hoje eu coloco em prática nas minhas aulas, as aulas que o Zago me deu, as minhas vivências de rua, tudo isso eu utilizo na minha prática, claro, organizado a partir de um conhecimento teórico que me foi oferecido na graduação e depois na especialização, no stricto, no latu senso. Mas a formação passa por esses momentos, só que na escola, infelizmente, a prática eu não vejo, eu sinto falta disso, de uma prática diversificada, a prática ela é reducionista, não é oferecido por quê? Para oferecer, eu, o que eu provoço nos meus alunos. Aqui, por exemplo, na graduação, eu digo assim: cadeira de Metodologia do Ensino dos Esportes, eu tenho oito cadeiras, então, eu transito durante, do início ao fim do curso. Eu digo para os meus alunos, na hora da prática eles tem que propor uma prática, tudo bem a que vocês quiserem, menos o quarteto fantástico. Qual é o quarteto fantástico? Vôlei, basquete, handebol e futebol, só. Eu vejo que os alunos ficam perdidos, vão pesquisar, vão buscar outras, porque eu acredito que tu passa quatro ou cinco anos dentro de uma instituição

estudando, para chegar em uma escola e largar uma bola. Eu acho que isso tão pobre, eu acho isso tão pouco, e é isso e aí diz: “Mas o professor ganha pouco.” Mas tu vai querer ganhar mais para fazer isso? Tem gente que deveria pagar para fazer isso e não receber. Então para mudar essa lógica, somente oferecendo qualidade, só que a qualidade vem com conhecimento. Um aluno esses tempos me questionou: “Bah” Vidal, tu dá aula de atletismo, handebol, futsal, futebol, gestão, metodologia do ensino dos esportes, recreação e Educação Física no Ensino Médio, Fundamental e Médio...” Ele disse: “Bah, mas tu dá aula de tudo isso, e como é que tu consegue?” E eu disse... Eu vou dizer uma coisa que eu não deveria dizer, falta muito para mim aprender, mas talvez porque eu tenho um pouco de conhecimento, porque eu sempre tive a preocupação de buscar informação, de ter conhecimento para poder passar, isso no tempo de escola, antes de pensar em trabalhar na ESEFID, no ensino superior. Eu sempre busquei informação e conhecimento para passar para um aluno na escola. Eu vim do handebol, minha vida foi dentro do handebol, se tu perguntar para os meus alunos, o último conteúdo que eu trabalhava era o handebol, eu trabalhava atletismo, eu trabalhava vôlei, eu trabalhava basquete, eu trabalhava *outras* práticas, eu levava punhobol para dentro da escola, outras práticas, para que? Porque eu gostei de handebol, mas o Pedro pode gostar do vôlei, o João do futebol, eu não sou contra o futebol, eu só acredito que não pode ser só ele, só que para isso, tem que ter, o professor tem que ter segurança para trabalhar e para ter segurança para trabalhar ele tem que conhecer, ele tem que dominar e isso às vezes falta. Hoje com um aluno meu eu concordei, porque é um ciclo vicioso, é cíclico, tu tem que ter vivência e conhecimento. Um semestre, uma disciplina não te habilita a trabalhar com esporte na escola, ela te dá uma noção e claro, se tu tem a vivência da escola isso vai ajudar. Depois tu faz algum curso, alguma extensão alguma coisa e isso te agrega mais conhecimento e te deixa mais seguro e com o passar do tempo, tu vai agregando conhecimento e isso vai te deixando mais tranquilo para trabalhar. Mas o handebol na escola eu vejo ainda muito pouco oferecido, por causa disso, falta vivência desse professor na escola dele; um semestre às vezes e infelizmente nós temos exemplos, não na ESEFID, mas em outras instituições, que o professor de handebol não era professor de handebol porque ele nunca jogou handebol e era professor de handebol. Muitas vezes o professor, ele quebra o galho dando a cadeira de handebol, mas ele não tem; o conhecimento que ele tem é na pesquisa, é buscando na internet, é nos livros, e para mim fica difícil ele passar para o acadêmico uma segurança de um conhecimento, se ele não tem essa segurança na hora de passar. Por isso que, por exemplo,



o handebol é uma cadeira que eu me sinto a vontade por tudo isso, então, eu transito desde a história, passando pela arbitragem, pela parte de técnica, porque eu vivenciei todas essas áreas. Eu acredito que isso ajuda também na hora que tu vai trabalhar com a modalidade, ou na escola ou até no ensino superior mesmo.

J.K. – Sim, nos últimos anos o handebol no Brasil assim, ganhou um pouco de destaque em relação às competições mundiais, principalmente pela equipe feminina de handebol. Tu acredita que o destaque que o Brasil ganhou nessa modalidade ele trouxe mais visibilidade para a prática dentro das escolas?

J.V. – Acredito que sim. Não como talvez eu quisesse, mas sim. Por exemplo, 2013 o Brasil campeão mundial de seleções feminino; 2014 a Duda Amorim<sup>52</sup>, brasileira que joga lá na Áustria se eu não me engano, MVP<sup>53</sup>, melhor jogadora do mundo; 2012 foi a Alexandra<sup>54</sup> a ponta. A Duda foi MVP da Champions e foi MVP do Mundial que o Brasil foi campeão. No continente americano, o handebol feminino do Brasil faz tempo que não tem adversário. O masculino está sempre ali com a Argentina disputando um ano sim, um ano não, então, o handebol cresceu muito no Brasil também por essa experiência exterior que os atletas foram saindo, com avanço também... E eu acredito que eu tenho uma parcela de contribuição, a arbitragem também cresceu bastante e eu estou dentro da arbitragem desde, pensando nível nacional, desde 1990. Hoje nós temos, por exemplo, a dupla do Rogério<sup>55</sup> e Nilson<sup>56</sup> de São Paulo, a dupla de árbitros que estão bem cotados na federação internacional, participam de várias competições internacionais, então, foi um todo e o Brasil nunca tinha atingido, digamos, um status como esse. Hoje em dia o Brasil chega em uma competição, por exemplo, agora o Rio 2016, nos Jogos Olímpicos, a equipe feminina do Brasil ela é candidata a medalha, se discute qual medalha, mas sabe que o Brasil é candidato a medalha. Não é como antes, um participante, um coadjuvante, hoje ele é protagonista e isso cria uma expectativa e uma atenção maior dos veículos de comunicação, da televisão, do rádio e do jornal. Isso divulga mais e o esporte que é mais divulgado, mais gente assistindo, mais gente tendo contato, desperta o interesse da

---

<sup>52</sup> Eduarda Idalina Amorim.

<sup>53</sup> Most Valuable Player.

<sup>54</sup> Alexandra Priscila do Nascimento

<sup>55</sup> Rogério Pinto.

<sup>56</sup> Nilson Menezes.

participação e isso faz com que muitas vezes a provocação dos alunos na escola. “O professor, eu vi o handebol lá, como é que se joga?” Ai também mexe um pouco, sacode, o professor fazendo ele também ter que propor ou oferecer um contato com os alunos, em relação ao esporte.

J.K. – Teria alguma coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de compartilhar?

J.V. – Não. Tu está falando sobre a história do handebol, eu acredito assim: o handebol no Rio Grande do Sul tem uma história muito bonita, já teve. Não está em um momento ideal, já teve um momento melhor, mas é processo que não para; tem momentos de alta, tem momentos de baixa, mas o importante que eu acredito e vou dizer para ti assim, o que eu, eu já falei na federação até porque eu estou ajudando nessa gestão e eu acredito, eu gosto do esporte, quero que ele cresça e apareça. A história é importante, mas a gente não pode deixar de valorizar as pessoas que fizeram essa história. Por isso que eu te falei no Cláudio Augustin, o professor Caio de Sapiranga. Vou te falar no professor Paulo Roberto de Lima, o Lima, que é o nosso árbitro mais antigo, foi o primeiro árbitro internacional do Rio Grande do Sul, ele é de Santa Maria; o próprio professor Celso Giacomini, o professor Iradil Antonello de Santa Maria foi o presidente da Federação Gaúcha até o ano passado, tem muita história dentro do Handebol do Rio Grande do Sul, o próprio professor Renato Arena tem muita história no Handebol do Rio Grande do Sul; o professor Renato Muller, foi minha dupla e árbitro, foi técnico aqui em Canoas, foi professor de handebol em escola, foi árbitro continental em handebol. Ele faz parte da história da arbitragem do Rio Grande do Sul, então, eu acredito que assim: um esporte, qualquer coisa sobrevive a partir das pessoas, às vezes a gente conta o milagre mas não fala do santo, sem o santo não tem milagre, então, a gente tem que falar das pessoas. Não esquece disso, de ressaltar e valorizar isso, porque amanhã as pessoas não estão mais ai, e ai a gente vai dizer, “Fulano...”, mas ai ela não está mais aí, ela não foi reconhecida, não foi valorizada.

J.K. – Então, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

J.V. – Eu que agradeço a oportunidade e estou à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]